

VINA JACKSON

80 DIAS
A COR
DO PRAZER

Tradução de Eva Miranda

5 SENTIDOS

1

Correr para esquecer

Os meus pés marcam o tempo ao ritmo do coração.

O Central Park estava vestido de branco. Apesar da calma relativa, não conseguia abstrair-me da cidade que se espriava em redor, como mão aberta e gigantesca a agarrar um retalho de verdura, com os prédios a apontar para o céu como dedos sujos, pardacentos, cercando os alvos mantos de neve que cobriam toda a relva.

No chão, a neve ainda estava fresca, solta como poeira, e podia senti-la estalar sob os meus pés, amortecendo-me as passadas. A ausência de cor no parque aguçava-me todos os outros sentidos, a sensação do ar seco e gélido a roçar-me a pele, como o toque gelado de um ente sobrenatural. A respiração soltava-se em penachos de vapor à minha frente e o ar frio queimava-me a garganta.

Há um mês que ia correr todos os dias, desde que tinha descoberto o livro do Dominik na Shakespeare & Co., na zona sul da Broadway. Tinha-o lido a correr nos raros momentos em que ficava sozinha em casa, às escondidas do olhar atento do Simón.

Era muito estranha a sensação de estar a ler o romance do Dominik. A heroína era tão parecida comigo... Ele tinha reproduzido nos diálogos algumas das nossas conversas e havia descrições de cenas da minha infância, que eu lhe tinha contado, relacionadas com a claustrofobia de crescer numa pequena cidade e com o meu desejo de sair de lá. Ele até lhe tinha dado cabelo ruivo.

E, ao longo do texto, reconhecia com toda a clareza a voz do Dominik,

o seu estilo particular, as referências a livros que eu sabia que ele tinha lido e a músicas de que gostava.

Já se tinham passado dois anos desde que tínhamos terminado. Tinha havido um terrível mal-entendido e eu, deixando-me dominar pelo orgulho, tinha-o abandonado, numa decisão de que até hoje me arrependo. E depois, quando tinha voltado ao apartamento dele para tentar clarificar a situação, já ele se tinha ido embora. Ao espreitar pela frincha da porta, tinha visto uma sala vazia e o correio amontoado no chão. E desde então nunca mais tinha tido quaisquer notícias dele.

Até àquele dia em que andava à procura de ténis de corrida em Manhattan e tinha descoberto o seu romance na montra de uma livraria. Cheia de curiosidade, tinha-o folheado e ficado chocada ao descobrir que ele me tinha dedicado o livro, apesar da nossa relação tempestuosa e da amarga separação:

Para a S.

Teu para sempre.

Desde esse dia, não conseguia pensar em mais nada.

Correr era a minha maneira de exorcizar os sentimentos, em particular no inverno, quando o chão se cobria de branco e as ruas estavam mais calmas do que o habitual. No inverno, o Central Park era como um deserto gelado, o único lugar onde eu podia escapar durante uma hora à cacofonia da cidade.

Era também uma oportunidade de me dar algum tempo para pensar na vida longe do Simón.

Ele continuava a dirigir a Gramercy Symphonia, a orquestra onde nos tínhamos conhecido.

Eu tinha entrado há três anos para a secção de cordas, onde tocava violino, o famoso Bailly que o Dominik me tinha oferecido. O Simón era o maestro e eu tinha evoluído imenso sob a sua regência. Ele tinha-me incentivado a tocar a solo e apresentado à sua agente, e até agora eu já tinha feito várias digressões e lançado dois discos.

A nossa relação tinha começado por ser profissional, embora eu reconheça que com algum flirt pelo meio. Sabia que o Simón estava apaixonado por mim e pouco tinha feito para o desencorajar, mas nada se tinha passado entre nós até à minha discussão com o Dominik. Na altura eu tinha andado em digressão e, não tendo uma casa para onde ir, o apartamento do Simón,

perto do Lincoln Centre, com uma sala de ensaios, tinha-me parecido uma solução óbvia, mais fácil e mais prática do que um hotel.

Mas depois o Dominik desapareceu, e algumas noites com o Simón rapidamente se tinham transformado em alguns anos.

Eu tinha aceitado a situação de bom grado. O Simón tinha bom feito e eu sentia por ele um grande afeto, até amor. Os nossos amigos apoiaram de imediato a relação com entusiasmo e a ideia de sermos um casal, o que fazia de facto todo o sentido – o jovem e virtuoso maestro e a sua estrela, a violinista em ascensão. Depois de ter passado vários anos deliberadamente solteira ou com alguém que os meus amigos e a minha família duvidavam que fosse o homem certo para mim, de repente tinha assentado.

Sentia-me aceite. Normal.

A vida decorria numa sucessão de ensaios e concertos, estúdios de gravação, a excitação de lançar o meu primeiro álbum, e depois o segundo. Festas intimistas, Natais e jantares de Ação de Graças com amigos e família.

Aparecemos até em dois ou três artigos de revistas como o casal sensação da cena musical de Nova Iorque. Tínhamos sido fotografados no Carnegie Hall depois de um concerto. Estávamos de mão dada, eu com a cabeça encostada ao ombro do Simón e com os meus caracóis ruivos misturados com os seus caracóis pretos. Eu tinha um vestido comprido de veludo preto com um decote acentuado nas costas.

Era o vestido que eu tinha posto para o Dominik na primeira vez que tocara para ele – *As Quatro Estações* de Vivaldi – no coreto do parque de Hampstead.

Eu e o Dominik tínhamos feito um acordo. Ele comprava-me um violino novo – o meu tinha ficado destruído numa briga na estação de metro de Tottenham Court Road – em troca de uma atuação no parque e uma outra mais privada em que eu deveria tocar para ele completamente nua. Era um pedido demasiado atrevido para um desconhecido, mas a ideia excitou-me de um modo que na altura não conseguia explicar. O Dominik viu em mim aquilo de que eu ainda não me tinha apercebido. Uma devassidão e uma luxúria que eu não tinha sequer começado a explorar. Uma faceta minha que a partir daí me trouxe tanto prazer e tanta dor.

E, fiel à sua palavra, o Dominik tinha substituído o meu violino velho e estropiado pelo Bailly, o instrumento que passei a tocar e ainda toco em

todos os meus concertos, embora tivesse outros sobresselentes para os ensaios.

O Simón tinha querido comprar-me um violino novo. Preferia os instrumentos modernos de som mais límpido e achava que eu devia experimentar algo mais duro, para variar. Mas eu desconfiava que ele só queria que eu me livrasse de todas as manifestações do Dominik que ainda pairavam na minha vida. E também não me faltavam ofertas de colecionadores e fabricantes de instrumentos, que me teriam permitido substituir dez vezes o Bailly.

Mas o presente do Dominik tinha tudo a ver comigo. Nenhum outro instrumento tinha o mesmo som, o mesmo peso ideal na minha mão, ou se encaixava com tanta perfeição debaixo do meu queixo. Tocar o Bailly fazia-me inevitavelmente pensar no Dominik e levava-me até àquele lugar para onde eu ia quando estava no meu melhor; num passe de magia mental, o meu corpo dominava o cérebro e a minha mente refugiava-se num devaneio em que a música ganhava vida e eu já não precisava de tocar, apenas de viver o meu sonho enquanto a minha mão, no arco, deslizava autonomamente sobre as cordas.

Uma mulher fitava-me, admirada. Trazia um casacão pesado com o capuz bem apertado em torno do rosto para combater o frio e empurrava um carrinho de bebé azul-escuro com uma criança lá dentro toda envolta em agasalhos. Um tipo que também andava a correr equipado dos pés à cabeça com um fato de treino de lã polar amarelo-vivo com riscas refletoras lançou-me um olhar cúmplice ao passar.

Entre outras coisas, o Simón tinha-me oferecido pelo Natal um equipamento completo de corrida, talvez sinal de que fazia tenção de deixar de me atazanar constantemente para eu me inscrever num ginásio. O Simón não gostava nada que eu fosse correr para o Central Park, sobretudo de manhã cedo ou à noite. Estava sempre a falar nas estatísticas e na elevada probabilidade de as mulheres que corriam no Central Park serem atacadas. Parecia que haveria mais probabilidades ainda se fossem loiras, de rabo de cavalo e a correrem por volta das 6 da manhã de uma segunda-feira. Tinha-lhe dito que isso me deixava quase completamente a salvo, pois eu era ruiva e ninguém jamais me apanharia fora da cama às 6 da manhã. Mas mesmo assim ele não se calava.

Tinha-me comprado umas luvas térmicas de uma marca famosa e um

fato de treino com um blusão a condizer, e os ténis de corrida mais caros que havia no mercado, apesar de eu própria ter acabado de comprar uns.

– Vais correr sobre gelo... ainda te estatelas – dissera ele.

Eu usava os ténis só para lhe agradar, mas só depois de ter substituído os atacadores brancos por uns vermelhos, para lhes dar mais cor. E também levava as luvas. Mas a maior parte das vezes deixava o blusão térmico em casa. Mesmo no inverno, preferia correr só de camisola. A princípio sentia um frio de rachar e o vento a picar-me a pele como um colchão de pregos, mas depressa aquecia, e gostava da sensação do ar gelado e do vento, que me faziam correr mais.

Claro que quando voltava para casa tinha a pele toda vermelha e às vezes até os dedos inchados, mesmo com luvas, como se o frio me tivesse provocado queimaduras.

Nessa altura, o Simón abraçava-me e beijava-me, para me aquecer, esfregando-me os braços e os ombros até a pele me doer.

Ele era caloroso em todos os sentidos, desde a sua pele cor de café, graças à herança venezuelana, até ao corpo imponente, passando pelos seus grandes olhos castanhos e os fartos caracóis escuros. Media quase um metro e noventa e o seu peso tinha vindo gradualmente a aumentar desde que tínhamos começado a viver juntos. Não se pode dizer que fosse gordo, mas os jantares a dois e as garrafas de vinho partilhadas no sofá enquanto víamos um DVD tinham-no feito passar de magro a robusto, e os pneuzinhos tornavam-no até mais aconchegante. Tinha o peito coberto por uma espessa camada de pelos por onde eu adorava que os meus dedos se perdessem quando ficávamos deitados na cama depois de fazer amor.

Era manifestamente masculino na aparência e profundamente afetivo. Os dois anos que passámos juntos foram para mim como um banho de espuma relaxante. Estar numa relação com ele era como chegar a casa ao fim de um longo dia de trabalho e vestir um pijama de flanela e umas meias velhas. Não há nada como a companhia de um homem que nos ama exacerbada e indubitavelmente. O Simón cuidava de mim, protegia-me, acalmava-me.

Mas também me entediava.

Eu tinha conseguido sustar a corrente insidiosa da insatisfação face à nossa relação com uma barragem de *hobbies*: trabalhar como uma louca; tocar violino como se cada concerto fosse o último; correr a maratona de

Nova Iorque; correr, correr, correr, sempre a fugir, mas sempre a voltar para casa outra vez.

Até ter lido o livro do Dominik.

A partir desse dia, ouvia constantemente a voz do Dominik na minha cabeça.

Primeiro nas palavras do seu romance, como se em vez de o ler estivesse a ouvir um audiolivro.

E depois as memórias tinham-se avolumado como uma maré cheia.

A nossa relação tinha sido colorida pelo sexo, mas não sexo com a frequência e a afetividade que eu tinha com o Simón.

O Dominik era um homem de desejos mais obscuros do que a maioria, e estar com ele tinha sido como ter uma luz guia na minha vida. Com o Dominik eu tinha desfrutado plenamente do prazer de realizar fantasias com que jamais havia sonhado. Ele tinha-me pedido para fazer coisas que outros não tinham tido sequer coragem de insinuar. Não era tanto a aventura em si mesma, mas a insistência com que ele queria que eu o deixasse usar o meu corpo para seu prazer, que me submetesse a ele num jogo bizarro, mais mental do que físico, no qual ambos éramos cúmplices, embora pudesse parecer a um observador externo que eu estava a deixá-lo dominar-me.

Em matéria de sexo, o Simón era praticamente o oposto do Dominik. Gostava que eu estivesse por cima, e eu passava a maior parte das nossas noites a esfregar-me nele de cima para baixo, tentando impedir a minha mente de se perder em devaneios de trabalho e listas de compras, ou fitando a parede branca brilhante por detrás da cabeceira da cama.

O telemóvel tocou no bolso das minhas calças e eu, apanhada de surpresa, dei tal salto que quase escorregava no chão gelado. Poucas pessoas tinham o meu número e era raro receber chamadas. E, quando as recebia, eram do Simón ou da Susan, a minha agente. Mas o Simón sabia que eu tinha ido correr, pelo que era pouco provável ser ele, a menos que quisesse que eu fosse buscar alguma coisa para o pequeno-almoço, talvez um daqueles donuts cheios de açúcar que ele gostava de molhar no café, da pastelaria na esquina da Lexington com a rua 56.

Descalcei rapidamente uma luva. Tinha os dedos tão enregelados que quase não conseguia segurar no telemóvel. Era um número da Nova Zelândia, mas nenhum dos que eu já tinha nos meus contactos.

Carreguei na tecla de atender com alguma apreensão. Era raro falar com a minha família pelo telefone. Nós não éramos do tipo de estar sempre a ligar e preferíamos o e-mail ou o Skype. E lá já era noite cerrada.

– Estou?

– Olá, Sum, como vai isso?

– Fran?

– Não me digas que já se passou assim tanto tempo que não me reconheces a voz, maninha?

– Claro que reconheço, só não estava à espera que me telefonasses. Que horas são aí?

– Não conseguia dormir. Tenho estado a pensar...

– Vê lá se te habituas...

– Quero ir aí visitar-te.

– A Nova Iorque?

– Para ser sincera, preferia Londres, mas já estou por tudo. Estou a ficar farta de Te Aroha.

Estas eram palavras que eu jamais esperara ouvir da boca da minha irmã mais velha. Ela destacava-se em Te Aroha, a nossa terra natal, como uma viola num enterro, e nunca lhe reconheci mentalidade provinciana, mas mesmo assim tinha lá vivido a vida inteira, ou seja, quase trinta anos. Trabalhava no banco local desde que saíra do liceu – mais ou menos doze anos praticamente no mesmo emprego. Tinha começado como caixa, passado a gerente e finalmente a consultora financeira, embora nunca tivesse tido formação específica além da que foi adquirindo pela experiência no próprio banco. Eu era a única na família que tinha ido para a universidade, embora tivesse saído logo ao fim de um ano.

Conseguia retratá-la facilmente. Se para mim era sábado de manhã, para ela era sábado já noite alta. Havia de estar em casa, de calções de ganga e *T-shirt* fosforescente de cor garrida e com rasgões, à *punk* dos anos 80, sem parar quieta, como sempre, a passar a mão pelo cabelo loiro curtinho ou a enrolar um caracol da franja no dedo. Lá era pleno verão, provavelmente com um calor abrasador, apesar de a casa velha onde morava ter muitas correntes de ar e em Te Aroha parecer soprar sempre um ventinho fresco, como se toda a cidade estivesse à sombra da montanha.

– O que é que provocou esta mudança? – perguntei. – Pensei que ias ficar aí para sempre.

– Nada é para sempre, pois não?

– Bem, não, mas no teu caso é uma grande mudança. Aconteceu alguma coisa?

– Não sei se te devo contar. A mãe pediu para não te dizer nada.

– Oh, por favor, agora vais ter de contar. Não me podes deixar assim ansiosa.

Eu tinha abrandado para um passo rápido e, sem o ritmo da corrida a impelir-me gelo fora, escorregava a cada passada e enregelava sem o calor do esforço despendido para me aquecer. Os dedos da mão sem luva estavam todos vermelhos e começavam a tremer.

– Fran, estou no meio do Central Park com temperaturas abaixo de zero. Preciso de começar outra vez a correr, mas como não consigo correr e falar ao mesmo tempo, desembucha de uma vez e eu depois ligo-te quando chegar a casa.

– O Mr. van der Vliet morreu.

Ela pronunciou as palavras num tom muito baixo, como se estivesse a largar uma bomba devagarinho.

– O teu professor de violino... – acrescentou, preenchendo o silêncio entre nós.

– Sei muito bem quem é!

Estaquei completamente e deixei o ar gelado envolver-me como um cobertor de aço.

A Fran continuava muda do outro lado da linha.

– Quando foi? O que aconteceu? – Consegui finalmente perguntar.

– Não sabem. Encontraram o corpo no rio, no sítio onde a mulher dele morreu.

A mulher do Mr. van der Vliet tinha morrido no dia em que eu nasci. Vinha de carro pelo desfiladeiro de Karangahake, de regresso a casa, vinda de Tauranga, quando o carro derrapou com a chuva e ela fez uma das curvas apertadas fora de mão e colidiu com um camião que vinha em sentido contrário. O condutor do camião saíra ileso do acidente, sem um arranhão que fosse, mas o carro da Mrs. van der Vliet tinha capotado e saído da estrada traiçoeira, lançando-se no rio. E ela tinha morrido afogada antes que alguém tivesse podido socorrê-la.

– Quando? – A palavra estava-me atravessada na garganta como uma bola de algodão.

– Há quase dois meses – balbuciou a Fran. – Não te quisemos dizer nada. Achámos que te ia perturbar, afetar os teus concertos. A mãe e o pai não queriam que tu largasses tudo para vires ao funeral.

– E teria ido mesmo.

– Eu sei. Mas que diferença é que isso faz? Ele ia estar morto, quer tu aqui estivesses quer não.

A Fran, como a maior parte dos outros neozelandeses que eu conhecia, era prática e pragmática. Mas nem a frieza da sua lógica conseguia travar a sensação lancinante que me tolhia o coração.

O Mr. van der Vliet já tinha passado dos oitenta, mas nunca me parecia que tivesse conseguido ultrapassar a morte da mulher. No entanto, calado e discreto como era, tinha sido como um rochedo na minha infância. A sua voz, que conservava ainda a guturalidade holandesa apesar de ter vivido a maior parte da vida adulta na Nova Zelândia, era branda, mas firme, quando me corrigia a posição da mão sobre o arco ou me elogiava depois de eu ter tocado bem.

Tinha sido a observá-lo que eu aprendera muita da técnica do violino. O modo como o seu corpo alto e impressionantemente magro se tornava vivo e grácil quando empunhava o instrumento. Tocava como se tivesse acabado de transpor uma porta para um outro lugar, tornando-se num homem completamente diferente, sem qualquer vislumbre do seu habitual ar desengonçado. Eu tentava imitar a maneira como ele parecia viver a música e depressa descobri que, se fechasse os olhos e absorvesse a melodia com o corpo, poderia tocar muito melhor do que se me limitasse a ler a partitura.

Mas o Mr. van der Vliet não foi a razão de eu começar a tocar. Essa responsabilidade coube ao meu pai e aos seus discos de vinil. Mas o Hendrik van der Vliet foi certamente a razão por que continuei a praticar. Parecia um homem tão severo por fora, mas escondia uma faceta de brandura que de vez em quando se revelava, e eu tinha passado a maior da infância e da adolescência a fazer tudo o que podia para lhe arrancar os seus raros elogios praticando, praticando sempre, até os dedos ficarem em carne viva.

– Summer? Ainda aí estás? Estás bem?

As palavras dela chegavam-me como um eco.

– Fran, eu já te ligo, ‘tá bem?

E, sem esperar pela resposta, desliguei, voltei a meter o telemóvel no bolso das calças e corri o fecho.

Tornei a meter os auscultadores nos ouvidos e pus o volume no máximo. Era o *Fight Like a Girl*, de Emilie Autumn, que o Mr. van der Vliet teria detestado. Ele tinha-me empurrado sempre para a música clássica e ficado muito dececionado quando desisti do curso de música e me mudei para Londres.

A minha mente encheu-se de imagens do seu rosto debaixo de água. Teria sido um acidente? Um ataque cardíaco, por coincidência no mesmo lugar onde a mulher tinha morrido? Duvidava muito. Nunca tinha ouvido dizer que o Mr. van der Vliet tivesse apanhado sequer uma constipação e a ideia de uma doença era inconcebível. Devia ter sido um ato deliberado, mas ele também não me parecia o tipo de homem para se atirar de uma falésia. Parecia-me um ato demasiado espontâneo para ele. Teria escolhido partir de uma maneira que fosse definitiva, mas em que ele pudesse deter controlo absoluto sobre cada segundo da ação. Teria entrado pela água dentro.

Podia ver a cena a desenrolar-se à minha frente como num filme. Teria vestido o seu melhor fato domingueiro, talvez o que tinha levado ao meu concerto na escola secundária de Te Aroha, quando eu lá tinha ido tocar dois anos antes, aquando da minha digressão a solo pelos Antípodas. Camisa branca e fato completo verde-seco. Parecia um gafanhoto, com as pernas desconfortavelmente dobradas para caberem no espaço exíguo entre as pequenas cadeiras de madeira. A sua pele era fina como papel, como se todo ele pudesse restolhar ao vento.

Ter-se-ia limitado a entrar descontraidamente pela água dentro. Devia tê-lo feito alta noite ou de manhã muito cedo, antes de o rio se encher de veraneantes, caminheiros e crianças agarradas às boias feitas de pneus, dispostas a deixarem-se ir na corrente até Paeroa, onde os rios Ohinemuri e Waihou se encontram.

O Mr. van der Vliet devia ser um dos raros habitantes da Nova Zelândia que não sabiam nadar. Dizia que nunca tinha querido aprender, preferindo sempre o conforto da terra seca, mesmo no auge do calor. Com a sua ausência total de gordura, devia ter ido logo ao fundo como um prego.

*

Quando cheguei a casa, as lágrimas rolavam-me mansamente pelas faces. Estava triste com a notícia da morte do Mr. van der Vliet, mas ainda mais por não ter sabido do funeral e não ter podido ir despedir-me dele e agradecer-lhe por tudo o que tinha feito por mim.

O Simón estava sentado num dos bancos altos do balcão do pequeno-almoço a ler o jornal, com a longa e farta cabeleira a emoldurar-lhe o rosto como uma cortina. Estava com umas calças de ganga velhas com rasgões e uma *T-shirt* dos Iron Maiden, todo contente como sempre por poder vestir roupa informal e variar do rigor da casaca de maestro, que eu achava que lhe ficava a matar – e que lhe dava aquele ar algures entre o vampiro e o lobisomem – mas que ele abominava, sentindo-se sempre metido num colete de forças.

Virou-se quando eu entrei e, no segundo seguinte, já estava ao meu lado a abraçar-me.

– A Fran ligou – disse ele. – Lamento tanto, meu amor.

Encostei-me a ele e afundei a cabeça no seu ombro. Cheirava, como sempre, a noz-moscada e canela, as fragrâncias que perfumavam a água de colónia que usava desde que o conhecia. Era um aroma intenso e amadeirado, um cheiro que eu tinha começado a associar a aconchego, assim como à sensação do seu abraço apertado.

– Julgava que ela não tinha o nosso número fixo – disse eu, sorumbática.
– Dei-lho no Natal.

O Simón tinha um sentido de família muito mais profundo do que eu. Brigava com os irmãos como cães e gatos, e com os pais também, quando calhava, mas falava com todos eles pelo menos uma vez por semana. Eu e a minha família dávamo-nos muito bem, mas eu era perfeitamente capaz de estar seis meses sem ter notícias deles.

Olhei para ele e beijei-o. Tinha os lábios carnudos e a maior parte dos dias a barba por fazer. O Simón reagiu ao toque dos meus lábios com um beijo intenso, levando-me devagarinho para a cama, ao mesmo tempo que me ia metendo as mãos por baixo da *T-shirt* de corrida a tentar soltar os colchetes do *soutien* de desporto.

Já conhecia bem uma das minhas manias. Não havia nada que eu mais quisesse quando estava aborrecida (desde que não fosse com ele) do que fazer sexo. Eu sabia que esta maneira tão estranha que eu tinha de encontrar conforto era específica a uma minoria da população feminina.

O sexo ajudava-me a encontrar-me comigo mesma como mais nenhuma outra coisa o conseguia fazer, e era a única coisa no mundo, talvez a seguir a tocar violino, que me trazia paz.

Ele puxou-me para baixo as calças de treino e introduziu os dedos dentro de mim. Ao seu toque, um relâmpago de prazer que eu bem conhecia percorreu-me a espinha.

– Eu devia ir tomar um duche – protestei. – Estou toda suada.

– Não, não devias – disse ele perentório, empurrando-me para cima da cama. – Sabes bem que gosto de ti assim.

Era verdade, e ele fazia constantemente questão de me lembrar. O Simón gostava de mim tal como eu era, fosse lá isso o que fosse, e fazia questão de o reiterar com frequência metendo a cabeça entre as minhas pernas para me acordar ou saltando-me para cima mal eu voltava do treino.

Era um homem apaixonado que adorava fazer amor e que fazia tudo o que podia para me agradar, mas que tinha, no tocante à cama, gostos diferentes dos meus, embora nem um nem outro gostasse de assumir o comando das operações.

O Simón não era um dominador e eu sentia falta dessa frieza de gelo, da dureza do Dominik e de outros como ele. Eu queria ser amarrada à cama e ter alguém a usar-me dando largas à sua perversidade. O Simón tinha tentado, mas nunca tinha sido capaz de se abstrair da ideia de que podia estar a magoar-me. Nem mesmo por brincadeira, dizia ele, era capaz de bater ou amarrar uma mulher, o que excluía logo à partida o espancamento, uma das coisas de que eu mais gostava.

Ele era um homem bom. Eu sabia que pôr-me em cima dele era muito mais ao seu estilo do que o oposto, mas que estava a agir agora assim por saber que era o que eu preferia. Saber que eu tinha passado toda a nossa relação com um persistente sentimento de desejos não realizados era para ele uma constante fonte de remorso, como uma ferida que não sarava, uma comichão que eu não conseguia coçar.

Mais do que qualquer outra coisa, eu queria ser aquele tipo de mulher que é feliz com todas as coisas do costume. Eu tinha até mais do que as coisas do costume. Não só um homem bom, mas um homem maravilhoso, bons amigos, eu e ele, boa saúde e carreiras brilhantes pela frente. E, no entanto, uma voz sussurrava-me ao ouvido que a vida que eu estava a viver não era a vida que eu queria nem a vida que me agradava.

O Simón queria casar e ter filhos, e eu não. Era a única coisa sobre a qual tínhamos verdadeiramente discordado, sem hipóteses de reconciliação, e eu, horrorizada, sentia uma punhalada de cada vez que o via a olhar para alianças de casamento na montra de alguma ourivesaria ou a sorrir para um bebé por quem passasse na rua. Todas as coisas que o deixariam feliz e realizado para sempre eram as coisas que me aterrorizavam, e na calada da noite, quando não estava distraída a trabalhar, a conviver com os amigos ou a correr ao frio, sentia-me como se alguém me tivesse posto um grilhão ao pescoço ou colocado sobre a minha cabeça um halo tão pesado que eu não conseguia mantê-lo no ar. Por vezes sentia-me como se estivesse prestes a ser esmagada pelo peso da minha própria vida.